

DISCURSO DE PARANINHO NA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA (27 DE DEZEMBRO DE 1954)

J. Mattoso Câmara Jr.

O interesse pela cultura do espírito

Como paraninfo e orador desta solenidade, sinto aquela ansiosa emoção que, na véspera da batalha de Fehrbellin, se apossara do protagonista do conhecido drama romântico de Heinrich von Kleist. Ao príncipe de Homburg perturbara ver confiado à sua juventude e à sua inexperiência o comando da vanguarda prussiana em momento de tal magnitude. A mim sobressalta a desvanecedora entrega deste outro encargo, não por me considerar jovem, de certo, nem a rigor inexperiente, depois de uma vida de magistério que já ultrapassou o meio jubileu, mas pela óbvia inferioridade, sob todos os aspectos, inclusive o hierárquico, a tantos e eminentes mestres que exornam as cátedras desta Faculdade.

Aceitando, não obstante, a subida honra – e como se poderiam recusar as dádivas espontâneas da generosidade! – aqui estou para saudar de todo o coração esses moços, que ora recebem a recompensa de um trabalho honesto e diuturno.

Pode testemunhá-lo – o caráter probo e constante desse trabalho – quem há vários anos, como professor-regente de lingüística, tem visto passar por sua aula turmas sucessivas de estudantes, sempre, como a dos que hoje se diplomam, assíduos e interessados.

Tal assiduidade e interesse ainda mais se valorizam, se atentarmos para a finalidade supletiva que a organização da Faculdade emprestou à lingüística nos seus Cursos de Letras, não a categorizando como uma cátedra ampla e desenvolvida, em pé de igualdade com as línguas particulares, cuja essência fenomenológica ela nos faz compreender à luz de certos princípios gerais.

Seria para acrescer no sentido de um convite à displicência e ao desestímulo a falta de brilho de quem aqui rege a matéria, e o seu vezo de tratá-la de um ponto de vista francamente universitário, sem poupar aos alunos o esforço interpretativo e a atividade mental, dando de costas à divulgação frouxa e pitoresca, que – a exemplo de tantas obras de iniciação lingüística – se resumisse num florilégio de curiosidades verbais.

Ora, parece ser justamente o afã do professor em exigir concentração de espírito e uma atenção sempre alerta e incessante, por parte dos estudantes, o que tem atraído para a aula de lingüística não só alguma simpatia dos alunos obrigatórios, mas até às vezes a freqüência de alunos voluntários, inclusive ex-alunos, curiosos de apreciar um pouco do alto a floresta coesa e harmoniosa, onde apenas tinham visto, no estudo das línguas particulares, árvores isoladas e distintas.

A seriedade de propósitos e o anseio de ampliação cultural, que assim posso testemunhar, sei verificarem-se também em muitas outras aulas dos diversos Departamentos desta Faculdade.

As condições do ensino no Brasil

É esse ideal de sincero enriquecimento do espírito, tão vívido, em grandes parcelas das nossas gerações moças, que nos deve animar a todos, professores e autoridades educacionais, nos esforços para melhorar a maquinaria, ainda um tanto perra, do ensino no Brasil.

Tem-se aí uma situação das mais complexas, não raro cúmulo de erros seculares, muitos aliás praticados com boas intenções. Só paulatina e pacientemente poderá ser sanada, e antes pela continuidade indefessa dos propósitos, do que pelas reformas integrais, onde a eiva de novos erros se substitui muitas vezes àqueles assim erradicados depois de desenvolvidos.

Urge, especialmente, ao lado da Escola, em seus três clássicos graus – primário, médio e superior, a criação plena de um ambiente que possibilite melhor o aperfeiçoamento cultural de cada indivíduo por esforço próprio extra-escolar.

Falta-nos, em desejável intensidade, um comércio verdadeiramente cultural de livros e revistas abalizadas estrangeiras, ao mesmo tempo que são ainda escassas as publicações nossas neste sentido. Nem há ainda um desenvolvimento satisfatório de cabais bibliotecas públicas, recurso essencial para quem, no início da luta pela vida, se defronta com a triste realidade de uma precária economia privada. É o que se depara infelizmente na nossa própria Faculdade, carente de uma Revista, ou sequer de uma regular publicação de Anais, espelhando a atividade cultural dos seus professores e conferencistas-visitantes, e de uma Biblioteca com aquela plenitude e constante ritmo de desenvolvimento que devem caracterizá-la como organização suplementar imprescindível da vida docente universitária.

Acresce, muitas vezes, num círculo vicioso em que se volta às falhas do ensino escolar, o mau conhecimento, para a leitura direta, das grandes línguas estrangeiras, prejudicando um contacto verdadeiramente profundo com a irradiação internacional do pensamento.

Línguas estrangeiras e língua vernácula

Este último aspecto da instrução no Brasil tem sido às vezes minimizado por um prurido de mal entendido orgulho nacional. Tem-se alegado o descaso de outros povos pela nossa língua para estear uma atitude análoga da nossa parte para com eles; e não faltam receios, facilmente desvanecíveis à luz da psicologia da linguagem, de que o estudo intenso de línguas estrangeiras prejudique; o domínio do vernáculo, como insinua a epistolografia de Fradique Mendes no conselho, que não passa de uma *boutade*, sobre a conveniência de aprender patrioticamente mal as línguas alheias.

As condições do mundo moderno exigem, ao contrário, a difusão de determinadas línguas subsidiárias, como passo preliminar para a difusão da cultura, porque nelas é que se acham registrados problemas, debates, soluções no âmbito das coisas do espírito.

O ideal de uma língua internacional de comunicação, adrede construída, que seduz certas parcelas da intelectualidade ocidental desde a fase racionalista do séc. XVII, ainda está esfumado num horizonte longínquo, apesar de a resistente sobrevivência do movimento esperantista, em face de tantas outras tentativas frustradas, parecer às vezes auspiciosa e promissora. E mesmo realizando-se a expectativa distante, é para duvidar que se concretize assim, finalmente, uma língua internacional de cultura. Faltar-lhe-ão sempre as perspectivas e gradações semânticas que a vida milenar espontânea empresta às línguas naturais e que permite, e até provoca numa ação heurística, a expressão mental em suas modalidades mais profundas, matizadas e sutis. Ter-se-á, quando muito, um canal prático de comunicação no âmbito dos interesses e relações da vida cotidiana.

Por outro lado, traduções não passam de um recurso secundário, que está longe de ser cabal, porque, mesmo quanto ao pensamento científico, a transposição para outras formas lingüísticas é muito árdua e nem sempre bem sucedida. Nem é possível aparecerem contínuas e sem atraso, *pari-passu* com a elaboração original que se processa no estrangeiro. É expressivo, por exemplo, no domínio da filologia portuguesa, que até hoje não haja tradução portuguesa de duas obras capitais escritas em alemão – a de Jules Cornu e a de Joseph Huber, e que, por este motivo, muitos dos nossos estudiosos não se tenham podido beneficiar das diretrizes técnicas aí contidas no tratamento evolutivo dos problemas vernáculos.

O contacto com a cultura internacional

Ora, o contacto permanente e profundo com a atividade de espírito dos grandes povos estrangeiros é uma condição imperativa para o desenvolvimento da nossa própria cultura como faceta da cultura ocidental.

Uma comunidade que, como a nossa, data apenas dos meados da fase renascentista da civilização européia, não pode encetar a sua vida espiritual a partir desse momento, já algo tardio, contando exclusivamente com as suas próprias reservas de idéias e soluções. É preciso não esquecer a nossa carência, de início, do enorme combustível mental da Antigüidade Clássica e do Medievo, que permitiu aos povos europeus uma velocidade de marcha, regular e segura, na ocasião em que mal ensaiávamos os primeiros passos no caminho da cultura. Temos a inelutável contingência de um retardamento constante, que devemos vencer não só por um esforço próprio, intenso e pertinaz, mas também por um aprendizado, pertinaz e intenso, junto aos povos muito mais velhos e experimentados.

O nosso problema não pode resolver-se, à maneira de um Robinson Crusoe, ilhado do mundo espiritual, unicamente com os nossos próprios recursos. Seria tão errôneo quanto pretender fazê-lo com a aplicação passiva da experiência cultural estrangeira. A solução está, antes, no aproveitamento de teorias e técnicas que nos oferece ao exame e utilização consciente a inteligência milenarmente desenvolvida da civilização ocidental, de que participamos como filhos mais novos.

Não é talvez inútil acentuá-lo, porque, se em referência às ciências físicas ninguém ousaria contraditar tal assertiva, há, em referência às questões filosóficas, sociológicas e estéticas, um mal orientado sentimento patriótico, que, em suas últimas conseqüências, nos levaria ao empenho vesânico de procurar criar do Nada.

Os Estados Unidos da América do Norte logo de início o compreenderam, apesar de se ter encetado a sua vida de espírito com uma elite intelectual puritana, coesa e amadurecida, ao contrário da situação cultural do Brasil-colônia; e foi por tê-lo assim compreendido que conseguiram hoje, afinal, ascender a uma personalidade marcante nos estudos filosóficos, antropológicos e estéticos.

Felizmente, também o compreende, entre nós, aparte preponderante da intelectualidade brasileira, e tem havido um esforço sincero e promissor – reconhecamo-lo para enfrentar os aspectos negativos de um estado de coisas que embaraçam os jovens intelectualmente bem dotados. Por enquanto, porém, só nos cabe admirar a galhardia com que tantos conseguem vencer uma carreira de obstáculos, que se lhes apresenta em vez da estrada suave que deveriam, ter diante de si e esperemos outros, futuros, encontrem.

As faculdades de filosofia

A própria vitalidade das nossas Faculdades de Filosofia, o tipo mais recente entre nós de instituto universitário, é uma prova do obstinado empenho com que uma boa parte da mocidade brasileira visa à cultura do espírito.

Não se estiolaram, esses institutos, ainda tenros, em face de profissões liberais vetustamente firmadas em nosso meio social, com o prestígio que a elas assegura a longa tradição, a compreensão geral, bem consolidada, da sua pertinência e a possibilidade mais fácil de bem-estar, daí decorrente, para os que as abraçam. Não é raro até encontrar nos quadros discentes das nossas Faculdades de Filosofia diploma dos de outras Escolas Superiores, em busca daquela ampliação cultural com que a sua profissão se enriquece e ganha mais justo sentido, situando-se mais exatamente na rede complexa e sutil que constitui a unidade do pensamento humano.

Quantos de nossos jovens realizam, por este meio, a ascensão à Montanha Mágica, simbolizada por Thomas Mann na história do engenheiro Hans Castorp, que, de especialista de máquinas a vapor, sem outras preocupações, de início, nem outro ideal de vida senão a maestria da sua habilidade técnica, atingiu os cumes dos *humaniora*, do humanismo integral, donde viu em sua justa perspectiva e finalidade especialidades e profissões. “Todas elas” – diz-nos pela boca de um dos seus personagens o grande romancista, entranhavelmente *doublé* de pensador, – “todas elas tratam do homem, são todas apenas modalidades de um mesmo predominante e capital interesse, isto é, o interesse pelo homem; são estudos humanísticos numa palavra”.

Não foi pouco o dano para a consolidação e o desenvolvimento da cultura brasileira o que decorreu de por tanto tempo ter faltado um tipo de Faculdade de Ciências e Letras, ou de Filosofia no sentido amplo do termo, no nosso quadro de Ensino Superior.

Apesar de algumas e inevitáveis deficiências iniciais de organização e funcionamento, bem podemos dizer que agora se introduziu assim uma melhoria essencial no mecanismo universitário.

A função de professor

Antes de tudo, por meio de Cursos de Licenciatura de Professores, possibilitou-se a formação de um magistério de grau médio – e ainda de grau superior com a carreira docente da própria Faculdade – conscientemente preparado para o seu mister.

O que isto significará – e em apreciável parte já significa – pode ser bem avaliado se atentarmos em que um dos males do ensino médio no Brasil tem sido a ausência, em princípio, do que podemos chamar o *homo docens*. Temos faltado, na engrenagem da nossa divisão de trabalho, o tipo docente com a sua tripartida capacidade intelectual, pedagógica e ética.

Desde os primórdios da nacionalidade, o professor tem sido um egresso das profissões liberais tradicionais – o direito, a medicina, a engenharia, a

quem a contingência da vida, somando-se felizmente muitas vezes ao impulso interior, levou para esse gênero de atividade. Aos melhores não tem faltado a competência cognitiva nem a habilidade didática, e em muitos foi até o professorado a solução para o problema de um ideal de vida que se consubstanciava no estudo, desinteressado e contínuo, de uma disciplina que os empolgava, ao primeiro contacto, nos bancos da sua escola profissional, ou, ainda adolescentes, na escola secundária.

Mas uma função tão capital na sociedade não pode alimentar-se permanentemente de um material humano, assim arbitrário, desigual e fortuito. A Faculdade de Filosofia é que há de assegurar uma produção estável, harmônica e constante do profissional do magistério, inculcando-lhe ao mesmo tempo, com o diploma de uma especialidade socialmente reconhecida e definida, o sentido da importância social do seu mister. Acresce que a pedagogia, objetivada em si mesma e não mais resultante, empiricamente, da experiência pessoal do exercício docente, dá agora, assim, à atividade educacional o fundamento teórico imprescindível a qualquer atividade humana superior.

O que é preciso, apenas, para a formação universitária do professor dar todos os seus frutos, é que o diplomado não a considere o estágio final dos seus estudos, senão antes o ponto de partida para uma progressão futura que já pode empreender com aparelhamento intelectual e bagagem cultural consistentes. Em nenhuma carreira o preparo adquirido nos bancos escolares pode ser interpretado naquele sentido de *non plus ultra* de aquisição de conhecimentos, sob pena de estagnar-se, vida em fora, numa rotina estéril e melancólica a atividade do indivíduo em sua profissão. E a própria concorrência tende decisivamente, quando falta o estímulo interior ao estudo, a evitar esse perigo. No magistério, porém, o ambiente psicológico da aula, em que temos diante de nós cérebros prontos a receber como verdades iluminantes velhos princípios e soluções, que já tiveram reexame, reajustamento ou até substituição, contribui para dar ao professor um perene sentimento de satisfação íntima com aquilo que sabe, e para fazê-lo descuidar-se da contínua reelaboração da própria cultura. O anseio de ampliação cultural e sincero enriquecimento do espírito, que há pouco ressaltai de início – e com plena justiça – nos cursos desta Faculdade, é, entretanto, uma garantia de que os diplomados de agora não descambarão por esse caminho, anulando a alta significação do nosso instituto formador do magistério.

O pesquisador científico

Não é, por outro lado, este o único escopo das nossas Faculdades de Filosofia –ressalve-se.

Acresce-se-lhes nas finalidades, complementarmente, o bacharelado e o doutorado em ciências puras, quer físicas, quer sociais, e em letras, que imprimem naquelas, nessas e nestas a qualidade de matérias nucleares de cursos próprios.

Ciências, como a física, a química, a história natural, a matemática, já se estudavam – é certo – na preparação para determinadas profissões liberais. Mas no quadro das Faculdades de Filosofia desvencilharam-se do aspecto de elementos subsidiários para um exercício profissional estrito. Por isso, lembrava-se aqui, há pouco, a Montanha Mágica, concebida pelo simbolismo de Thomas Mann.

Ensejou-se, destarte, a existência de outro tipo social que nos faltava: o *homo perquirens*, o pesquisador científico, no sentido exato do termo, com quem a ciência pode objetivar-se para um progresso permanentemente separado da sua aplicação. Também aqui, antes disso, só se dispunha dos que, na prática de uma dada técnica, se deixavam seduzir pela magnitude dessa outra função aparentemente desinteressada das solicitações sociais cotidianas, mas de que depende, em última análise, a mais pequena melhoria técnica.

Outras ciências, por sua vez, como a geografia, a história, a filosofia e as ciências sociais *stricto-sensu*, isto é, a antropologia e a sociologia, só assim tiveram oportunidade de um estudo coerente e sistemático, em vez de apenas afloradas no ensino médio umas, ou de apenas preocuparem outras, através de leituras e cogitações feitas por conta própria, alguns intelectuais considerados mais ou menos excêntricos.

Ora, o prejuízo de uma situação, como a que se nos deparava assim entre nós no campo das ciências sociais, está bem ressaltado num recente Relatório do Dr. Raymond Fosdick, presidente da Fundação Rockefeller. O ilustre filantropo acentua-lhes a importância nos problemas supremos do homem, para os quais as ciências físicas, “eticamente neutras”, “não têm resposta”. E acrescenta: “É preciso compreender que o que é verdade para a física e a biologia é também verdade neste outro âmbito. Impõe-se o mesmo grau de conhecimento especializado... Fazem-se necessários espíritos com a disciplina e a alta integridade de uma instrução objetivada”.

O mesmo se pode dizer – e di-lo com efeito, ainda aqui, o Dr. Fosdick – em relação aos estudos filológicos e literários, compendiados sob o nome genérico de Letras. Não se trata – insiste ele – de vagas, que, nesta era enfaticamente chamada científica, possam “ser postos de lado num desvio, enquanto o expreso avança pela linha-tronco”. As letras é que satisfazem “a fome espiritual de esperança, crença, beleza e outros valores permanentes”, entranhados na alma humana, e “ainda aqui impõe-se” – adverte – “o conhecimento e instrução sistematizada”.

O estudo das letras

A crítica filológica e a literária têm atraído muitos estudiosos brasileiros, e têm sido muitas vezes notáveis. Mas a falta de ensino universitário impediu que daí se colhessem vantagens permanentes para o nosso tonos intelectual. Não se chegou, por exemplo, ainda, entre nós à compreensão profundamente estética da língua, que funde numa unidade superior a filologia e a literatura; e daí, talvez, em parte alguns aspectos incertos e incolores da literatura brasileira em seu conjunto.

No estudo técnico da língua, propriamente dito, ou seja – a filologia, para usarmos um termo bastante divulgado, embora nem sempre bem entendido entre nós, a falta de estudos sistemáticos universitários, que só agora despontam nas Faculdades de Filosofia, foi-nos um fator negativo em dois sentidos. De um lado, não se incorporou na cultura nacional uma disciplina científica que, pela sua precisão de análise, quer histórica, quer descritiva, tem sido considerada com razão um modelo metodológico para a pesquisa de fatos espirituais. De outro lado, não se ascendeu à exata compreensão da função da língua materna no jogo das forças sociais que plasmam a personalidade dos indivíduos e dos povos. O professor de língua – como ressaltei alhures – tem-se hermeticamente enclausurado em sua gramática e em sua filologia, colocando-se à margem de uma vida que flui, sob a forma de palavra falada ou escrita, em volta e dentro de cada um de nós. Uma conseqüência bem sensível, prenhe de perplexidades e conflitos íntimos, foi a maneira equivocada pela qual se cindiu a intelectualidade brasileira em lusófilos e nativistas, em face da realidade social de termos a língua em comum com outro povo, já política e até etnicamente distinto, que no-la transmitiu.

A síntese dos conhecimentos

Coube, pois, às Faculdades de Filosofia transformarem em objeto de estudo sistematizado e orgânico matérias para as quais não houvera até então a possibilidade de um ensino coerente como disciplina universitária, ao mesmo tempo que focalizarem, do ponto de vista de Síríus da ciência pura, matérias até então só consideradas em vista de uma aplicação profissional definida.

Coube-lhes ainda reunir a todas num único instituto, ensejando-lhes a permeabilização mútua pelo contacto entre especialistas docentes e pela constituição de um corpo discente uno em suas variedades de centros de interesse.

A contribuição, daí resultante, para o progresso da cultura nacional está na circunstância de assim se poder atenuar beneficemente a divisão, um tanto rígida, do conhecimento humano nesses escaninhos que são as diversas disciplinas científicas. Impõe-as, tais divisões, a limitação da nossa capacidade in-

telectual, que só pode adquirir profundidade no saber à custa da redução dê se saber em amplitude, oscilando ineluta-velmente entre os perigos da especialização que isola, e aqueles, muito mais sérios, da generalização que apenas esfrola os problemas num enciclopedismo leviano e fugaz. Mas a intercorrelação de todas as disciplinas científicas, mesmo quando aparentemente díspares, como as ciências da natureza, as ciências do homem e as letras, é a conseqüência íntima da unidade cognitiva, que não se pode deixar de levar em conta em qualquer especialização.

Se encararmos, por exemplo, esse tipo de estudo a que se dá o nome tradicional de letras, é fácil verificar quanto elas se entrosam, não só com a filosofia, mas também com as ciências antropológicas, como manifestações estéticas que são de um dado *pattern* cultural e social, só realmente inteligíveis à luz desse *pattern* que as motivou. E, por outro lado, não escapará à mais ligeira atenção o elo que oferecem com a matemática e a física; haja vista o ritmo poético, cuja análise tanto depende de uma e de outra, não obstante aparecer-nos como o mais puro espécime de uma atividade superior que, não é científica no sentido estrito do qualificativo.

Do ponto de vista contrário, partindo das ciências ditas exatas, deixo aos seus especialistas o balanço – que me parece positivo – da sua dívida com a antropologia e as letras. Não será temerário adiantar, por exemplo, que a compreensão profunda da língua, como o cabedal da verdade intuitiva, é imprescindível ao cientista, que deste solo se eleva para a verdade racional da ciência, mesmo talvez quando afinal se desprende da formulação lingüística da realidade, substituindo-a pela formulação matemática.

Nem devemos olvidar que cada fase da história do conhecimento humano se caracteriza por uma orientação comum para todas as atividades espirituais.

Mesmo deixando de parte a Grécia Antiga e a Idade Média, onde as ciências da natureza ainda aparecem incipientes e, portanto, plenamente dóceis à subordinação integral a um pensamento filosófico estrito, como o de um Aristóteles ou o de um Tomás de Aquino, vemos a unidade da compreensão cognitiva em todos os grandes momentos espirituais da humanidade. “Se as ciências se devem apreender como um todo verdadeira-mente sistemático” – comenta a este respeito o grande historiador da evolução científica que é Ernst Cassier – deve-se achar presente em todas elas um problema universal de co-nhecimento, não obstante a evidência de que em cada uma delas esse problema exige uma solução especial em condições particulares definidas”.

Assim, o idealismo renascentista, o racionalismo cartesiano, o sensualismo iluminista, o evolucionismo darwiniano são idéias-forças que vibram em toda a atividade mental de uma época, desde a física à crítica estética.

Da mesma sorte, no pensamento contemporâneo, domina o conceito estruturalista, procurando compreender a realidade através da configuração formal em que a dispõe a inteligência humana. “A medida que se desenvolve e ganha aceitação essa idéia na própria ciência” – explica-nos mais uma vez Cassirer – “desacredita-se a ingênua *teoria da cópia* para o conhecimento. Os conceitos fundamentais de cada ciência, os instrumentos com que propõe seus problemas e formula suas soluções, já não são mais considerados como as imagens passivas de uma coisa externa mas como *símbolos* criados pelo próprio intelecto”.

E daí surgem pontos de contacto nas conclusões interpretativas das mais variadas disciplinas e estudos, qual um traço de união, que vai da física nuclear à psicologia da *Gestalt*, à doutrina antropológica dos *patterns*, ao estruturalismo lingüístico, à crítica literária do formalismo. Já se lembrou até recentemente, num Congresso Internacional de Lingüistas, quanto se aproxima da concepção de um átomo desintegrável, entendido como um sistema dinâmico de elétrons, a interpretação lingüística do som elementar da fala como um conjunto articulado de traços fônicos relevantes, em contraste com a idéia anterior de ver aí, tal qual se via no átomo, uma unidade mínima insecável.

É um dos aspectos mais expressivos da civilização hodierna, por isso, o esforço de cooperação entre as especializações mais distintas através, desses Coloquiuns e Interconferências, em que excelem, por exemplo, os estudiosos norte-americanos. E é um clima perene de intercomunicação, como o daí resultante, o que pode favorecer a vida cotidiana das nossas Faculdades de Filosofia nesse abarcamento amplo de ciências e letras, que se deve considerar um dos méritos, pelo menos potenciais, da sua atual organização.

Cultura e democracia

Já se vê, por esse rápido e – bem sei – insatisfatório bosquejo, o alento que deve dar ao nosso patriotismo um espetáculo como este, em que saem dos nossos bancos universitários, apercebidos e fortes, duas centenas de jovens.

Não é exagero dizer que em sucessivos espetáculos de tal ordem está, talvez, o bom destino do Brasil como entidade social e política.

Tem-se repetidamente associado esse destino à luta pela democracia, apresentada com razão como o problema precípua da nossa vida nacional. Trata-se, com efeito, da estrutura política mais adequada para a constituição e a regular manifestação da opinião pública, sem a qual, no justo dizer de James Bryce, nenhum povo pode ser governado com eficiência.

Há muito vimos buscando o ideal democrático, através de fórmulas variadas, no Primeiro Império, na Regência, no Segundo Império, na Primeira Repú-

República de 89, e na Segunda de 34 a 45, em que emergimos de efêmeras fases de eclipse solar. Mas na empresa, em que avultam tantos paladinos intemeratos – um José Bonifácio, um Feijó, um Bernardo de Vasconcelos, um Joaquim Nabuco, um Rui Barbosa – tem-nos tolhido a ausência de uma verdadeira elite intelectual, bastante ampla e profunda para dar lastro, volume e consistência, ecoando-o, assimilando-o e propagando-o, ao esforço desses nossos gigantes políticos.

Em sua falta, temos sofrido a liderança de clãs gentílicos ou conglomerados plutocráticos, e contra eles reagem, hoje mais do que nunca, as massas desgobernadas.

Não há-de ficar aí, por certo, uma evolução histórica tão rica, tão empolgante, tão progressiva, onde as aparentes derrotas apenas hão de provar o paradoxo vaticinado pela clarividência poética de Robert Browning: “o sucesso estará no que parece um fracasso” (“*shall lije succeed in what it seems to jail*”).

O que tem faltado essencialmente, até aqui, é a integração da cultura do espírito no organismo coletivo. E é para isto que as Faculdades de Filosofia hão de decisivamente concorrer.

Aos seus diplomados, no magistério e na orientação educacional, na pesquisa científica, na elocubração geográfica e histórica, no estudo sociológico e antropológico, na meditação filosófica, na crítica filológica e literária, cabe, sem dúvida, missão das mais transcendentais na evolução nacional. A esses campos de atividade acrescentou-se, mais recentemente, o da atividade jornalística, a que incumbe magna tarefa na consolidação de uma opinião pública eficiente e esclarecida.

O jornalismo tem apresentado, na história da nacionalidade, o mesmo aspecto que até a pouco caracterizou o magistério: o de uma função desempenhada fortuitamente por indivíduos das mais variadas especializações profissionais, de acordo com as imposições da vida ou de uma vocação insopitável. A sistematização do preparo para uma carreira tão básica no organismo social de uma democracia há de dar frutos análogos aos que já estamos começando a colher da formação sistemática para professor. Entre este e o jornalista, existem elos sólidos e afinidades; em ambos impõe-se a capacidade para a informação honesta e objetiva, e a qualidade, ainda mais sutil e difícil, de guiar e corrigir sem deixar moessa na personalidade humana nem afetar a integridade do seu livre arbítrio.

Conselhos finais

Para todas essas funções sociais, a que assim visam os diversos cursos da nossa Faculdade, há para contar, evidentemente, com dificuldades e percalços,

pois um diploma não é – nem o deve ser para resguardo da própria dignidade pessoal – a garantia, eficiente e exclusiva, do sucesso na carreira que, apenas, lhe cabe nos permitir encetar.

É certo, por outro lado, que o resultado não depende só, infelizmente, do mérito ético e intelectual do indivíduo. Todo ambiente social é propício às injustiças, em maior ou menor grau, e no Brasil esse aspecto negativo, decorrente da imperfeição humana em última análise, faz-se sentir com uma acuidade um tanto descoroçoante. As decepções do esforço honesto, que se vê continuamente enredado e superado em suas mais justas pretensões, tendem às vezes a insinuar nos moços um anseio pelas vantagens fáceis, obtidas embora à custa da própria dignidade e dos direitos alheios. É uma declividade perigosa que ameaça e mina a personalidade no que ela tem de mais sagrado como entidade moral.

O melhor processo de resistência à insidiosa tentação é a realização corajosa e inflexível de um ideal de vida, carreira em fora.

No magistério, tem-se esse ideal no empenho profundo de comunicar a seres mais moços e inexperientes a parcela de experiência do nosso coração e pensamento. Nas elocubrações extra-escolares, a própria atividade do espírito dará a recompensa íntima, pela consciência da tarefa desempenhada, embora a sintamos, em nossa humildade, fragmentária e medíocre. E não há para duvidar que, num e noutro caso, não chegue a ocasião da vitória exterior no amparo e respeito da coletividade.

A derrota só vem de dentro para fora. Ela só aguarda aqueles que entram na luta eticamente vencidos, porque pretenderam fazer da cultura e da inteligência um trampolim para a vaidade ou a cupidez. Neste caso, o êxito é um triunfo de Pirro: a insatisfação interior, que decorre de não terem sido atendidas as exigências éticas, entranhadas no homem, gera o desequilíbrio psíquico, e faz do vencedor mundano, inapelavelmente, um vencido nos íntimos re-folhos de sua alma.

As decepções se apagam pela constância e probidade de propósitos. E muitas delas são, afinal de contas, meras aparências. Não nos esqueçamos de aplicar no âmbito individual o vaticínio de Robert Browning, há pouco lembrado em referência à evolução democrática de nossa pátria: *“shall life succeed in what it seems to fail”*.

Sede, portanto, apenas, sinceramente probos, corajosos e pertinazes na vossa parcela de missão, que vos é atribuída na investidura de hoje, meus caros e generosos paraninfados!